

CONTRADIÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE FEMININA CHICANA EM LUCHA CORPI

CONTRADICTIONS IN THE CONSTRUCTION OF A CHICANA FEMININE IDENTITY IN LUCHA CORPI

Juliana Machado MEANDA*
(UFF)

Carla de Figueiredo PORTILHO**
(UFF)

Resumo: Este artigo investiga a representação da mulher no livro *Eulogy for a Brown Angel*, primeiro título da série policial da escritora Lucha Corpi, publicado em 1992. O foco deste exame é o processo de construção identitária da protagonista, Gloria Damasco, primeira detetive feminina da literatura chicana. Esta personagem revela diversas contradições de si mesma e de seu contexto, e as complexidades de sua individualidade e da coletividade híbrida em que se insere desvelam aspectos multifacetados do mundo pós-moderno. Neste romance, são promovidos amplos questionamentos de tópicos relevantes para a construção de identidade, tais como: gênero, raça, classe, história, cultura e espiritualidade. A partir dos caminhos que esta obra aponta, são estabelecidos diálogos conceituais pertinentes, especialmente com Stuart Hall, teórico que se debruçou sobre a questão da identidade em diversas produções. A identidade é tomada não como “essência” ou “eu verdadeiro”, mas como construção através da representação, de recursos históricos e discursivos que estão em constante dinâmica.

Palavras-chave: Identidade. Representação. Literatura chicana. Pós-modernidade.

Abstract: This article investigates the representation of the woman in the book *Eulogy for a Brown Angel*, the first title of the detective series by the writer Lucha Corpi, published in 1992. The focus of this examination is the process of identity construction of the protagonist, Gloria Damasco, the first female detective of Chicana/o literature. This character reveals several contradictions concerning herself and her context, and the complexities of her individuality and of the hybrid collectivity in which she is inserted unveil multifaceted aspects of the postmodern world. In this novel, broad questions are raised concerning relevant topics for identity construction, such as: gender, race, class, history, culture and spirituality. From the paths this work points out, pertinent conceptual dialogues are established, especially with Stuart Hall, theorist who has examined the question of identity in several productions. Identity is taken not as “essence” or “true self”, but as construction through representation, through historical and discursive resources that are in constant dynamics.

Keywords: Identity. Representation. Chicana/o literature. Postmodernity.

* Mestranda em Estudos de Literatura - Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Federal Fluminense (UFF) e atual bolsista CAPES. E-mail: julianameanda@id.uff.br

** Professora Adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal Fluminense. Atua na linha de pesquisa Literatura, História e Cultura do Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da UFF. E-mail: carla_portilho@id.uff.br

Introdução

Lucha Corpi, nascida no México em 1945 e residente dos Estados Unidos desde 1964, é uma escritora chicana que evidencia em sua obra de ficção policial um forte teor político, enfatizando tópicos que dizem respeito à comunidade chicana através da inserção de figuras emblemáticas e episódios marcantes para esta coletividade. É relevante esclarecer que o termo “chicana/o” era vulgarmente utilizado com conotação pejorativa em referência tanto aos mexicanos residentes dos EUA quanto aos nascidos em território norte-americano de descendência mexicana. Porém, ao final da década de 1960 este termo foi adotado com um significado de autoafirmação, como uma escolha da própria identidade por parte daqueles que assim se denominavam, tornando-se uma palavra simbólica e ideologicamente carregada, que expressa o orgulho cultural de uma herança mexicana comum (CASTRO, 2001). Ou seja, “chicana/o” não é um nome com o qual as mulheres ou homens nascem, mas sim é consciente e criticamente assumido (ALARCÓN, 1990). Assim, tomar essa denominação para si é uma forma de resistência e de posicionamento diante do contexto político e social, e a produção literária de Corpi segue essa corrente, resgatando aspectos históricos e culturais que evidenciam injustiças sociais e questões políticas que fazem parte deste grupo étnico, bem como abordando perspectivas sobre gênero.

Em *Eulogy for a Brown Angel* (1992), obra de ficção policial, são evidenciados elementos muitas vezes dissimulados de preconceito e injustiça social da hegemonia branca estadunidense em relação à comunidade chicana e ainda de desigualdades dentro desta própria coletividade, especialmente no que diz respeito à condição feminina. Interessante notar que a discriminação da mulher é equiparada àquela do status literário da ficção de crime, que por sua vez oferece um espaço no qual é possível representar grupos duplamente marginalizados, como detetives mulheres de minorias raciais e étnicas (WORTHINGTON, 2011). Deste modo, a autora se apropria do gênero popular da ficção detetivesca e transfigura o seu conteúdo, uma vez que o tópico da investigação criminal é apenas um dos múltiplos problemas a serem expostos e examinados. Assim, o crime vai muito além de um fato pontual e motivador da busca pelo culpado, tornando-se pano de fundo e pretexto para trazer à tona questões mais profundas relativas ao seu contexto, especialmente concernentes a minorias raciais e de gênero, em um revisionismo que busca iluminar sombras históricas e culturais.

As escolhas linguística e de gênero textual de Lucha Corpi são, além de estéticas, também políticas. Ao optar pela escrita em inglês, uma língua que não é a sua materna, e um gênero difundido na cultura popular, apesar de tantas vezes criticado como literatura de massa, de pouco valor literário, a autora abraça a oportunidade de poder comunicar sua narrativa a um grupo leitor potencialmente mais amplo, possibilitando que o público norte-americano conheça um pouco mais sobre os chicanos e que sua obra possa

ser lida mundialmente, através do alcance que a língua inglesa possui na atualidade. Pertinente observar que, sendo também poeta, a autora escreve poesia sempre em sua língua materna, o espanhol. Já sua prosa, em inglês, possui diversos elementos linguísticos hispânicos e expressões chicanas, deixando claro ao leitor sua origem e seu grupo étnico. Tomando o conceito de literatura menor de Deleuze & Guattari (1977), temos que esta é a literatura produzida por uma minoria em uma língua maior, sendo que neste contexto a língua é modificada por um forte coeficiente de desterritorialização. Além disso, tudo nela é político e adquire valor coletivo. Assim é a literatura de Corpi, produto de uma escritora que pertence a um grupo discriminado pela hegemonia do país onde vive, que insere na língua de prestígio, o inglês, elementos do linguajar chicano, de origem hispânica, e cujo tema reflete um forte teor político e marcadamente coletivo.

A obra em foco traz inúmeros questionamentos sobre a contemporaneidade, visto que é publicada ao final do século XX, e sua narrativa se desenrola em uma extensão de tempo de quase vinte anos, iniciando em 1970 e se prolongando até quase o fim da década de 1980. É relevante ressaltar que este período, desde o fim do século XX, trouxe transformações cruciais que também estão “[...] mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito.” (HALL, 2006, p. 9). Ou seja, a subjetividade não é mais centrada, unificada em torno de uma ideia de “essência”. Todas as mudanças que geram esse processo desencadeiam assim uma crise de identidade, um questionamento de como o indivíduo pode relacionar-se a este novo contexto, e surge assim o “[...] sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2006, p. 12). O que antes era tomado como intrínseco, passa a ser percebido como historicamente construído e resultado de interpretação, tanto de si quanto do outro.

Como fatores de impacto no abalo da noção de identidade, Stuart Hall (1991, 2006) enumera diversas mudanças que causaram rupturas nos discursos do conhecimento moderno, sendo as principais: a história passa a ser entendida como um contínuo relacionamento dialógico entre passado e presente, já que o ser humano vem ao mundo em condições sociais pré-determinadas, as quais não escolheu e sobre as quais não possui pleno poder de decisão ou de ação; o inconsciente é constatado, evidenciando que não se tem total controle ou consciência sequer de si mesmo, ou seja, a formação da identidade pessoal contém esse aspecto que nos foge; o sistema linguístico é examinado como uma estrutura de relações que nos precede, na qual estamos sempre imersos, e além disto a linguagem é instável, já que os significados não são fixos; o conceito de verdade passa a ser questionado, atrelado até então aos discursos de racionalidade do ocidente, que são relativizados; o feminismo surge como um dos movimentos sociais da década de 1960 que

promovem uma política de identidade, trazendo o antes apenas privado para a esfera pública, politizando assim a subjetividade.

Todas essas propostas de alterações de paradigmas ocorreram (e ainda ocorrem) neste período em curso, muitas vezes chamado de pós-modernidade, conceito controverso e extensamente debatido, que engloba diversas concepções muitas vezes contraditórias e é notadamente complexo. Há tantos defensores quanto detratores desta denominação, criticada por vezes como um termo “guarda-chuva”, que reúne múltiplas abordagens sobre a contemporaneidade. Porém, é tarefa árdua e delicada rotular o momento presente, e para um tempo de incertezas e de difícil assimilação parece condizente o próprio conceito ser incerto e repleto de numerosas nuances. Fato é que, neste período histórico, avanços tecnológicos em diversos setores como transportes e telecomunicações alteraram a relação entre tempo e espaço, e “[e]ssas novas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais” (HALL, 2006, p. 68). A globalização promove uma integração, em âmbito mundial, de aspectos econômicos, políticos, tecnológicos e também culturais, em consequência da velocidade crescente dos avanços científicos e novas tecnologias que provocam também novos modos de relação. Todo esse contexto desencadeado pela compressão espaço-tempo atinge e interfere nos processos identitários, considerando que “[a globalização] tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas [...]” (HALL, 2006, p. 87)

A construção identitária de Gloria Damasco – primeira detetive feminina da literatura chicana e protagonista da série policial de Corpi – é posicional e política, partindo de uma releitura histórica e de um mergulho cultural, através do resgate de mitos e eventos políticos significativos para o povo chicano. Sua estruturação é dada justamente a partir das diversas contradições que a personagem abarca, uma vez que a narrativa apresenta complexidades de diversos temas, enquanto paradoxos são evidenciados, tais como: justiça – polícia como instituição que protege mas que também violenta; raça – comunidade chicana como alvo de discriminações externas e que igualmente possui preconceitos internos; gênero – mulher que denuncia agressões e injustiças masculinas bem como se submete à cultura patriarcal. Assim, a ambivalência é exposta como inerente ao contexto pós-moderno e à construção de identidade, em uma visão que problematiza tópicos contemporâneos, fugindo de uma concepção dicotômica simplista. É proposta assim uma visão de mundo que problematiza as construções históricas e sociais chicanas, evidenciando que o termo não abarca um grupo homogêneo ou monolítico, mas que, mesmo tratando-se de uma coletividade com questões comuns, há ainda muitas desigualdades internas. A autora evidencia a complexidade de inúmeros fatores, escapando de uma visão

maniqueísta e desvelando a coexistência de aspectos ambivalentes tanto da cultura dominante quanto do grupo à margem, tanto de questões coletivas quanto individuais. Através desta personagem, há uma reconstrução da sua própria história e individualidade como mulher chicana, simultaneamente à da história e identidade de sua comunidade.

A instabilidade da concepção da personagem de Corpi é levada ainda mais adiante pela adição de uma camada mística a Gloria, que subitamente se percebe possuidora de uma espécie de clarividência, mas que, por não compreendê-la muito bem e nem saber como interpretá-la, a denomina de dom sombrio – “*dark gift*”. Mesmo possuindo formação familiar católica, o que também evidencia um dos aspectos culturais chicanos herdados do México, ela não demonstra ter uma relação forte com a religião em termos formais, apesar de manifestar simpatia por aspectos ligados ao catolicismo. No entanto, essa consciência extrassensorial não é prontamente aceita por ela mesma, imersa que está nos discursos da racionalidade. Fundir essa nova faceta à sua personalidade e a seu modo de viver e solucionar mistérios se mostrará mais um dos desafios a serem enfrentados, parte do seu contínuo processo de construção de identidade, uma vez que “[a identidade] permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’” (HALL, 2006, p. 38).

A construção identitária é tida assim como permanentemente em andamento, intrincada que está nos processos de identificação e de representação. Uma das questões é que a identidade se constrói através, e não fora, da diferença, sempre por meio de uma relação dialética com o Outro, entre os opostos de identificação e diferenciação. Como afirma Hall (1991, p. 16): “Only when there is an Other can you know who you are. [...] there is no identity that is without the dialogic relationship to the Other”.¹ Deste modo, o “eu” é formado tanto através do elemento com o qual se identifica como também do fator de que se diferencia, da alteridade, e tanto as identificações quanto as diferenciações são múltiplas e frequentemente mutáveis, já que o sujeito altera seus parâmetros ao longo de sua história, no processo infundável da construção identitária.

Além disso, “[...] a identidade está profundamente envolvida no processo de representação” (HALL, 2006, p. 71), e a literatura é um sistema de representação que também afeta a construção de identidade, sendo um meio não só de elaborar as identidades das personagens de uma obra mas possuindo também o poder de influenciar na construção identitária do público leitor. “Identity is within discourse, within representation. It is constituted in part by representation. Identity is a narrative of the self; it’s the story we tell about the self in order to know who we are” (HALL, 1991, p. 16).² A identidade é, assim, constituída dentro da linguagem, através de uma narratividade do eu, uma estrutura construída para si mesmo e para o outro que procura manifestar uma coerência, mas que não deve ser vista

¹ Somente quando existe um Outro, você pode saber quem você é. [...] não há nenhuma identidade que exista sem o relacionamento dialógico com o Outro.

² A identidade está dentro do discurso, dentro da representação. Ela é constituída em parte pela representação. A identidade é uma narrativa do eu; é a história que contamos sobre o eu a fim de saber quem somos

como estável ou permanente, já que o próprio sistema linguístico não é fixo e que a identidade nunca chega a um “resultado final”, mas permanece em elaboração ao longo de toda a vida.

Precisely because identities are constructed within, not outside, discourse, we need to understand them as produced in specific historical and institutional sites within specific discursive formations and practices, by specific enunciative strategies. Moreover, they emerge within the play of specific modalities of power [...] (HALL, 1996, p. 4)³

Partindo da premissa de que toda enunciação possui um posicionamento (HALL, 1991), serão explorados aspectos referentes às ambivalências demonstradas pela personagem quanto às suas experiências psíquicas e também no que diz respeito à relação conflituosa entre seus papéis perante a família e diante de seu trabalho investigativo. As ambiguidades são expostas como inerentes ao contexto em que a personagem vive, e as instabilidades da existência contemporânea implicam na construção de identidade a partir da fragmentação, tanto de si como da sociedade, na busca por uma articulação de forças diversas e até mesmo opostas. Como afirma Hall (2006, p. 12): “O sujeito [...] está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas.” O reexame de questões raciais, sociais e políticas promovido pela obra em análise se faz a partir de recuperações históricas e culturais, que são por sua vez elementos indispensáveis para a composição de identidades.

³ Precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso, precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, em formações e práticas discursivas específicas, por estratégias enunciativas específicas. Além disso, eles emergem dentro do jogo de modalidades específicas de poder [...]

Investigando identidades

O livro *Eulogy for a Brown Angel* (1992) inicia em plena marcha ativista chamada *Chicano Moratorium March*, protesto contra a guerra do Vietnã e pela justiça social dentro dos EUA, que de fato ocorreu em 1970 em Los Angeles, inicialmente pacífico mas que acabou resultando na morte de civis. Em meio a este cenário ocorre a experiência crucial de Gloria Damasco que causará todo o desenrolar da trama, de grande relevância também para a construção identitária desta personagem. Dentro deste contexto, no qual Gloria manifesta sua posição política, inserida no movimento chicano, ela acidentalmente encontra o corpo de um menino chicano – seu “*brown angel*” – e essa morte será decisiva na transformação que se processará em sua vida, pois a partir daí surge nela um forte ímpeto de busca por justiça. É assim que ela acaba por tornar-se uma detetive amadora e ainda descobre possuir visões extrassensoriais, a primeira das quais ocorre exatamente nesta cena, na qual se percebe vendo ao mesmo tempo o corpo da criança morta, sua melhor amiga Luisa, que a acompanhava no protesto, e a si mesma, como se observasse todo o episódio de cima.

Em seguida, ao ligar para a polícia em busca de ajuda, Gloria denuncia que sua condição de chicana, isto é, de pertencente a um grupo desfavorecido, é fator de discriminação, o que aumenta a sua sensação de injustiça, conforme relata que, apenas por fornecer um sobrenome hispânico teria um atendimento diferenciado, com menor agilidade. Ela demonstra assim possuir plena consciência do preconceito que sofre devido à sua origem étnica, e em outro momento assinala a condição dos chicanos, constantemente sob julgamento e coerção da classe dominante norte-americana:

In some ways, I realized, our movement for racial equality and self-determination was no different from others like it in other parts of the world. But we were a people within a nation. Our behavior was constantly under scrutiny, our culture relentlessly under siege⁴ (CORPI, 1992, p. 64).

Gloria evidencia ainda condições muitas vezes dissimuladas de desigualdade dentro da própria comunidade chicana, especialmente no que diz respeito à condição feminina. Ela é uma jovem mulher, casada com Darío, médico, e mãe de uma filha pequena, Tania. Com relação ao seu marido, ela demonstra que ele possui um “menor grau” de machismo em comparação à maioria dos seus amigos, e relembra o tempo em que se conheceram, mais uma vez explicitando sua consciência política com relação à comunidade chicana e evidenciando ainda sua condição de mulher dentro desta coletividade: “[...] I was too young, too intense, too intelligent and too independent. All capital sins. Chicano nationalism and feminism didn’t walk hand in hand before or during the summer of 1970” (CORPI, 1992, p. 66).⁵

Fica claro assim o preconceito com relação à mulher dentro de seu grupo étnico, e Gloria mostra em muitas ocasiões uma postura assertiva na defesa das mulheres, como quando explica ao policial Kenyon – responsável pela investigação do assassinato do menino cujo corpo ela havia encontrado – a maneira correta de se referir às mulheres de sua etnia: “I think I better start your education right now. You have to say Chicanas with an ‘a’ when you talk about us women. Got it?” (CORPI, 1992, p. 68).⁶ Além disso, ser mulher e mãe implica em responsabilidades e obrigações perante a sociedade, além de uma autocobrança que a faz sentir-se culpada quando não está ao lado de sua cria. Ainda com relação à consciência de gênero, Gloria engloba a questão do papel que as mulheres exercem quando são mães e sua vulnerabilidade diante da violência, e afirma que elas e seus filhos costumam ser as vítimas das agressões praticadas por homens, como no caso do menino assassinado, ressaltando ainda a importância da união feminina para oferecer apoio umas às outras na reconstrução de suas vidas após tragédias como a que testemunhou.

Embora Gloria denuncie as agressões e injustiças praticadas pelo homem contra a mulher, ao mesmo tempo não escapa à ideologia dominante, mostrando-se também suscetível à cultura patriarcal, e assim a narrativa

⁴ De certa forma, percebi, nosso movimento por igualdade racial e autodeterminação não era diferente de outros como ele em outras partes do mundo. Mas nós éramos um povo dentro de uma nação. Nosso comportamento estava constantemente sob escrutínio, nossa cultura implacavelmente sitiada.

⁵ [...] eu era jovem demais, intensa demais, inteligente demais e independente demais. Todos pecados capitais. O nacionalismo chicano e o feminismo não caminhavam de mãos dadas antes ou durante o verão de 1970.

⁶ Acho melhor eu começar sua educação agora. Você tem que dizer Chicanas com um “a” quando você se refere a nós mulheres. Entendeu?

evidencia contradições com relação ao papel de gênero. Isto fica evidente quando Darío a pressiona para uma tomada de posição, fazendo-a ter que escolher entre a família e seu trabalho investigativo, que Gloria não considera uma atividade profissional, mas uma obrigação moral, uma necessidade interior de promover a justiça, não deixando que o crime fique impune. Ela se envolve muito nas investigações, relacionando-se com parentes das vítimas na busca por maiores informações, e em um certo momento quase torna-se uma vítima também, quando sofre a ameaça de um homem envolvido na trama, ficando sob a mira de uma arma de fogo. Gloria esconde este fato de seu marido, mas ele acaba descobrindo e julga absurdo ela ter colocado sua vida em risco. Darío então profere seu ultimato:

I've never told you what to do. [...] And I *never* kept you from doing what you thought was best. But you've never been reckless before. Now you're endangering your life, with no regard for Tania's well-being or mine. [...] These extrasensory experiences of yours are obviously more important to you than your own safety. [...] But think about this. What is more important for you, solving this case or keeping our marriage and family together? That is something *you* alone will have to decide (CORPI, 1992, p. 121).⁷

Darío revela neste momento seu aspecto repressor, julgando e condenando as atitudes de Gloria, e ainda pressionando-a para que decida entre seguir com as investigações ou manter a família unida, em uma ameaça velada, e utilizando ainda o argumento de nunca ter dito a ela o que fazer ou proibi-la de fazer o que quisesse. Gloria demonstra então um conflito interno, pois fica dividida entre as duas esferas, uma vez que ela sente-se responsável por trazer justiça para os assassinatos de Michael – o menino cujo corpo ela encontrou – e também de Mando – um jovem que, ao tentar ajudar a identificar o assassino de Michael, também acaba morto – ao mesmo tempo em que também se sente responsável por cuidar da filha pequena, considerando a função de mãe sua maior obrigação, seu papel mais fundamental. Além disso, ela não consegue conceber a sua vida sem o marido ao seu lado, mostrando assim a importância da família para a construção de sua identidade e revelando deste modo a influência que recebe da cultura chicana, para a qual a unidade familiar tem relevância primordial e considera que o papel primordial da mulher chicana é cuidar da família:

Sitting by Michael David's grave, I kept going over my silent promise to him and to Mando: that I would help bring to justice whomever was responsible for their deaths. But, I also struggled with the fact that years before, I had promised my daughter on the day she was born that her well-being would be foremost in my life. I also knew that, without Darío, my life was simply inconceivable (CORPI, 1992, p. 121).⁸

Gloria decide então abdicar da investigação criminal para dedicar-se ao marido e à filha, e afirma ter feito uma escolha da qual não se arrependeu.

⁷ Eu nunca disse a você o que fazer. [...] E eu *nunca* impedi você de fazer o que achasse melhor. Mas você nunca havia sido imprudente antes. Agora você está colocando em perigo a sua vida, sem consideração ao bem-estar da Tania ou ao meu. [...] Essas suas experiências extrassensoriais são obviamente mais importantes para você do que sua própria segurança. [...] Mas pense nisso. O que é mais importante para você, resolver este caso ou manter nosso casamento e família juntos? Isso é algo que somente *você* terá que decidir.

⁸ Sentada perto do túmulo de Michael David, eu continuei refletindo sobre a minha promessa silenciosa para ele e para Mando: de que eu ajudaria a trazer à justiça quem quer que fosse responsável por suas mortes. Mas eu também lutava com o fato de que, anos antes, eu havia prometido à minha filha no dia do seu nascimento que seu bem-estar estaria acima de tudo em minha vida. Eu também sabia que, sem Darío, minha vida era simplesmente inconcebível.

Apesar disso, secretamente ela ainda continua a pesquisar informações sobre as mortes de Michael e de Mando, porém sem envolver-se de forma direta, como havia feito anteriormente. Deste modo, fica evidente a contradição da personagem quanto a seus papéis de mãe/esposa e de investigadora, pois apesar de identificar-se com os dois, pressionada por Darío ela acaba considerando ambos como excludentes, uma vez que o perigo a que ela se expõe na sondagem de crimes não é compatível com o comportamento esperado de uma mãe responsável e esposa dedicada. Então, seu vínculo à família fala mais alto, porém sem que ela desista completamente da investigação. A representação feminina promove, assim, uma reflexão sobre a temática de gênero através de uma crítica da cultura patriarcal, propondo um questionamento dos gêneros e de seus papéis, porém mostrando Gloria como vulnerável a essa ideologia dominante, uma vez que ela abdica da investigação criminal por muitos anos para dedicar-se à família, somente retomando este trabalho após a morte do marido e a criação da filha, ainda que de modo secreto continue reunindo dados a respeito dos crimes. Sua identidade é construída a partir de antagonismos sociais e contradições ideológicas, e de tal modo, é pertinente considerar que Gloria possui não uma identidade, única e estável, mas sim identidades, plurais e em constante mudança, de acordo com as posturas que assume em circunstâncias diversas. Como afirma Hall (2006, p. 13): “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente.”

Ainda em seu discurso com conotação de ultimato, Darío menciona outro aspecto de Gloria que julga estar ameaçando a coerência de sua esposa: suas experiências extrassensoriais. Ele afirma que estas são mais importantes para ela do que sua própria segurança, insinuando que esses fenômenos são ameaçadores à ordem estabelecida, isto é, ao ambiente familiar previsível e seguro. Daí é possível entender o receio de Gloria em contar-lhe sobre essas questões, duvidando de que ele poderia compreender suas experiências psíquicas, revelando ainda a consciência dela sobre o modo de pensar do marido, uma vez que, sendo ele médico, está inserido em uma lógica científica. Além disso, também é ressaltada a ambivalência de Gloria, visto que ela mesma assume ter dificuldade em entender e aceitar essas visões: “I don’t think Darío would understand this at all. [...] I’m not sure that I myself understand or accept what’s been happening to me” (CORPI, 1992, p. 48).⁹

Estas visões que Gloria começa a ter a partir da descoberta do corpo de Michael abalam a sua autoimagem, uma vez que ela sente que não será a mesma a partir desta vivência, pois de alguma maneira continuará sentindo a presença dele. Quando começa a ter essas experiências, Gloria lembra de sua avó, que dizia que ela tinha uma “mente impressionável”. Há uma indicação, assim, de que Gloria já possuía anteriormente uma predisposição para o extraordinário, uma curiosidade e um interesse pelo obscuro ou mórbido, e de alguma maneira uma sensibilidade com relação ao lado

⁹ Eu não acho que Darío entenderia isso absolutamente. [...] não tenho certeza de que eu mesma entenda ou aceite o que está acontecendo comigo.

“oculto” ou “proibido” da vida, pois era capaz de reconhecer que a vida é mais complexa do que aquilo que pode ser entendido racionalmente e observado externamente. Além disso, é ressaltado o relacionamento familiar entre mulheres, mostrando possuírem sensibilidade para questões de ordem emocional e a importância das relações entre gerações.

Gloria então vê-se em conflito entre essas percepções sobre as quais sente não ter qualquer controle e seu lado racional, aquele que busca uma explicação lógica, e tenta se convencer de que isso é apenas a manifestação de um sistema nervoso sobrecarregado, devido a todas as novas e intensas experiências pelas quais tem passado desde o início das investigações. Ela mostra ter sido até então uma mulher mais voltada ao lado racional, e não se sente à vontade para contar essas vivências para outras pessoas, sequer para a sua melhor amiga, Luisa, pois sente-se envergonhada, uma vez que sempre procurou explicações racionais para qualquer coisa que acontecesse com ela, afirmando que prefere usar a intuição para apoiar a razão, e não o contrário. Gloria percebe os dois lados de sua personalidade como o “claro” e o “escuro”, uma dualidade de forças opostas em que uma é a realidade concreta e a outra é composta por devaneios:

[...] I now felt I was drifting into what I could only describe as neurotic lucidity. [...] I had a sense that I was looking at two sides of myself as if on a photographic negative - the lighter areas being ‘reality’; the darker shades of colors, even perhaps the absence of color, being optical illusions (CORPI, 1992, p. 30).¹⁰

Ela vivencia essa ruptura entre a realidade objetiva e a subjetiva, e de alguma forma demonstra ouvir essa “voz” que não consegue compreender – sua intuição, palavra com a qual demonstra ter cuidado. Assim, ela começa a ter algumas percepções intuitivas a respeito do crime e de seu assassino, mesmo não tendo muita clareza sobre o significado das mensagens. O receio de Gloria em compartilhar essas sensações até mesmo com Luisa aparece novamente, revelando seu próprio preconceito com relação a este tipo de experiência, evidenciando mais uma vez sua identidade contraditória, pois mesmo sentindo vontade de contar sobre isso para sua amiga, decidia não fazê-lo, pensando: “[...] People usually laugh at such things, and I myself had made fun of anything that smacked of psychic phenomena” (CORPI, 1992, p. 47).¹¹

No entanto, Luisa mostra-se muito mais liberal do que Gloria, a quem considera uma pessoa racional. Sendo Luisa poeta, sua posição como artista confere a ela a possibilidade de ter uma visão mais fora do padrão sobre a vida; ela acredita que para aceitar não é indispensável entender, pois nem tudo pode ser compreendido intelectualmente. Gloria entretanto mostra-se incomodada com a ideia de a mulher ser em geral mais ligada a um tipo de pensamento intuitivo, acreditando que assim sua capacidade intelectual pode

¹⁰ [...] eu agora sentia que estava flutuando em direção ao que eu poderia apenas descrever como lucidez neurótica. [...] eu tive a sensação de que estava olhando para dois lados de mim como se fosse um negativo fotográfico - as áreas mais claras sendo a “realidade”; os tons mais escuros de cores, talvez até a ausência de cor, sendo ilusões de ótica.

¹¹ [...] As pessoas geralmente riem de tais coisas, e eu mesma zombava de qualquer coisa que se assemelhasse a um fenômeno psíquico.

ser questionada. Neste ponto Gloria não considera que a intuição poderia somar na construção de conhecimento, mas que poderia ser tomada como um indício de menor inteligência racional. No entanto, ela tem consciência de seu envolvimento emocional com o caso e inveja o desapego e a objetividade com relação à investigação demonstrada por Kenyon, para quem julga que o caso parece mais um enigma ou um jogo de dedução e estratégia.

Gloria demonstra valorizar o aspecto racional e analítico em detrimento do conhecimento que possa agregar com as suas experiências psíquicas, como se estas pudessem tomar o espaço do pensamento lógico, e não juntar-se a ele. Neste momento da narrativa ela ainda se debate entre os dois modos de percepção, encarando-os como excludentes, sem cogitar a possibilidade da união de ambos, e duvida do valor da percepção intuitiva como ferramenta para a investigação. Ela se questiona sobre a eficácia e utilidade dessas visões, acreditando não ser exatamente um presente ou um dom, já que não consegue decodificar as visões para ajudá-la a encontrar o assassino. Ela acredita que chegou ao caso do assassinato de Michael como que através de uma armadilha da mente, e que ela poderia levar muito tempo para achar a saída deste “abismo” para a verdade, demonstrando mais uma vez o seu ceticismo com relação a suas próprias visões e sensações. Gloria então assume que essa mudança em sua personalidade é algo difícil para ela mesma aceitar e admite estar em uma posição ambivalente: “As difficult as this change in my personality was for me to accept, I had to admit I was becoming a walking contradiction” (CORPI, 1992, p. 76).¹² Este é o momento em que mais claramente é notável a sua consciência a respeito de sua identidade contraditória, instável e complexa, evidenciando a fragmentação de si mesma e revelando, assim, as múltiplas “[...] identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno” (HALL, 2006, p. 46).

A retomada das investigações por Gloria ocorre somente dezoito anos após a sua decisão de abandonar o caso para dedicar-se à família, quando então as circunstâncias a tornam emancipada dos laços e das obrigações familiares, devido a ter se tornado viúva e à independência de sua filha. Ao reassumir sua função investigativa ela sente-se livre para atuar na questão pendente e renovada por esta segunda chance. É possível notar o amadurecimento de Gloria, agora com quase duas décadas a mais de experiência desde o início do caso, quando tinha apenas 23 anos de idade, época em que sentiu uma estranheza por si mesma frente às novas manifestações que surgiram em sua personalidade a partir do encontro do corpo do menino chicano. Sua identidade naquele momento era composta por contradições devido a experiências sobrepostas que não era capaz de articular e sintetizar em uma unicidade a partir daquelas divisões. Ela tinha a consciência de que era um sujeito múltiplo e contraditório, percebia as ambiguidades ideológicas que compunham sua vida como mãe e esposa e sua nova função de investigadora, além dos antagonismos sociais que os dois papéis assumiam

¹² Por mais difícil que fosse para mim aceitar essa mudança na minha personalidade, eu tinha que admitir que eu estava me tornando uma contradição ambulante.

em sua visão de mundo. Porém, naquela ocasião, não conseguiu assumir aquelas diferentes facetas ao mesmo tempo, e agora o momento é oportuno para que possa recuperar sua dívida moral com relação aos assassinatos e enfim buscar justiça para eles, e ao mesmo tempo é também uma busca de autorrealização, ao atuar em uma causa na qual acredita e diante da qual sente-se útil e capaz.

Gloria admite querer experimentar novamente as fortes emoções que sentiu na época em que iniciou as investigações, em 1970, quando ansiava por cada dia devido à possibilidade de novas descobertas, confirmando assim sua identificação com a função de detetive no momento em que finalmente retoma o caso e consegue encerrá-lo, em 1988. Além disso, ela afirma que suas visões mudaram em termos de frequência e natureza, corroborando sua transformação vinda com o amadurecimento. É notável a mudança no seu comportamento, pois ela agora demonstra ter aprendido a aceitar o seu dom obscuro e consegue equilibrar melhor este aspecto de sua identidade: “Eventually, I learned to accept this dark gift and to build the delicate balance on which my sanity rested” (CORPI, 1992, p. 123).¹³ Ademais, agora sua percepção extrassensorial é considerada um caminho para o (auto)conhecimento, uma sabedoria psíquica, que mesmo diferente da racional pode trabalhar conjuntamente a ela, sem ser excludente. Ela passa assim da lógica de exclusão para a de articulação, mostrando ter aprendido novos modos de negociar a tensão entre aspectos divergentes.

¹³ Finalmente, eu aprendi a aceitar este dom sombrio e a construir o delicado equilíbrio no qual minha sanidade repousava.

Considerações Finais

Lucha Corpi, como escritora chicana e pertencente portanto a dois mundos ao mesmo tempo, a duas culturas que a todo momento se entrecruzam e influenciam, assim como outros escritores migrantes, deve “[...] aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas” (HALL, 2006, p. 89). O mesmo vale para sua protagonista Gloria Damasco, através da qual uma multiplicidade de fatores construtores de identidade são sintetizados e estereótipos são questionados a partir de dentro das situações. O pertencimento a uma cultura híbrida exacerba ainda mais a fragmentação do sujeito e a necessidade de articulação entre as diversas identificações e diferenciações para a construção identitária. Ainda mais delicada é a situação da mulher chicana, duplamente marginalizada pela discriminação da hegemonia branca dos EUA e pelos homens de seu próprio grupo étnico. Como afirma Alarcón: “[...] women of color [...] are always already positioned crossculturally and within contradictory discourses” (1990, p. 254).¹⁴

A obra analisada promove uma problematização da questão da identidade, evidenciando esta como intimamente atrelada a diversos fatores, dentre eles a posição e função social, gênero e raça. No entanto, ainda perduram

¹⁴ [...] mulheres de cor estão sempre já posicionadas transculturalmente e dentro de discursos contraditórios.

resquícios de uma lógica essencialista, que admite um eu “verdadeiro” ou “autêntico”, noção que tem sido posta em xeque na pós-modernidade. “The quest for a true self and identity which was the initial desire of many writers involved in the Chicano movement of the late 1960s and early 1970s has given way to the realization that there is no fixed identity. (ALARCÓN, 1990, p. 250).¹⁵ De tal forma, é primordial considerar a identidade não como “essência”, mas como construção em incessante curso, através dos espaços e ao longo do tempo. “Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento” (HALL, 2006, p. 39). Portanto, a identidade não é fixa, mas instável, provisória, flexível, um processo em constante fluir entre vínculos, pertencimentos, identificações e também diferenciações, abarcando ainda descontinuidades, fragmentações e até mesmo rupturas e deslocamentos, ou seja, as identidades são articulações de múltiplas camadas, por isto é possível falar de identidades, no plural, mesmo em referência a cada indivíduo singularmente.

As identificações de Gloria refletem seu posicionamento diante do cenário em que se encontra, e assim não são fixas, já que enrijecer seria não se adaptar, e as circunstâncias são incertas. As inseguranças da vida contemporânea implicam na construção das identidades a partir da fragmentação, tanto de si como da sociedade. Gloria é uma heroína imperfeita de uma jornada cotidiana, que busca uma maior profundidade de reflexão em seu meio, denuncia injustiças do presente e levanta memórias relevantes do passado. A solução dos crimes se dá através de (re)descobertas históricas, culturais e sociais, o passado auxilia o desvendamento do presente e traz novas perspectivas, possibilitando ao leitor o desenvolvimento de reflexões sobre os diversos tópicos levantados. A construção identitária da protagonista é resultado de inúmeros aspectos de si e do contexto em que vive, elaborando assim uma personalidade multifacetada, que reflete as complexidades do mundo atual. A narrativa de Corpi traz aspectos relevantes e favorece reflexões sobre a pós-modernidade, com suas importantes mudanças de ritmo acelerado e amplo alcance que vêm ocorrendo através da globalização.

No contexto vigente de trocas em âmbito mundial, os sujeitos sentem-se ao mesmo tempo parte do mundo e parte de sua comunidade regional. Essa relação, muitas vezes uma tensa articulação entre o local e o global, entre o particular e o universal, é também uma das origens das transformações pelas quais as identidades vêm passando. “So at one and the same time people feel part of the world and part of their village. They have neighborhood identities and they are citizens of the world” (HALL, 1991, p. 14).¹⁶ Em resposta à tendência em direção à homogeneização provocada pela globalização, há de um lado um retorno do essencialismo radical e do fundamentalismo, mas por outro, há também – como ocorre na obra em questão – uma revisita salutar ao passado, às origens, e desse modo um “*revival da etnia*” como intitula Hall (2006, p. 95). No entanto, esse revisionismo não é ingênuo, mas sempre

¹⁵ A busca por uma identidade ou um eu verdadeiro, que foi o desejo inicial de muitos escritores envolvidos no movimento Chicano do final da década de 1960 e início da década de 1970, deu lugar à compreensão de que não existe uma identidade fixa.

¹⁶ Então, ao mesmo tempo, as pessoas se sentem parte do mundo e parte de sua aldeia. Elas têm identidades regionais e são cidadãs do mundo.

crítico e consciente de que a busca de uma “pureza” racial é insustentável, assim como a noção de uma identidade integral, originária e unificada. Ao mesmo tempo, esse retorno ao passado é de extrema importância como material para a composição de identidades no presente, possibilitando um maior entendimento da história e de como ela mesma é também uma construção, um discurso cuja voz ativa é frequentemente a dos que possuem poder e prestígio, relegando as minorias a um papel secundário e sem fala. “Though they seem to invoke an origin in a historical past with which they continue to correspond, actually identities are about questions of using the resources of history, language and culture [...]” (HALL, 1996, p. 4).¹⁷

A escrita de Corpi coloca-se criticamente diante dos modos dominantes de representação e contribui para que grupos excluídos como os chicanos – e especialmente *as chicanas* – possam recuperar uma parte de sua história e conquistem a posição de sujeitos, representando a si mesmas, construindo suas identidades e saindo do papel de meros objetos de representação. Há assim (re)descobertas sociais, recuperações culturais e elaborações criativas, possibilitando um empoderamento da etnia e uma honra à ancestralidade, tornando o processo de construção identitária muito mais consciente e posicionado. “[...] the relation that peoples of the world now have to their own past is, of course, part of the discovery of their own ethnicity. They need to honor the hidden histories from which they come” (HALL, 1991, p. 18).¹⁸ Há assim um papel crucial do passado, diante do qual os indivíduos não estão nem totalmente presos e nem totalmente alheios, mas estabelecem uma articulação entre passado e presente, em um processo de indagação de ambos, trazendo à tona a concepção de que a memória é também uma narrativa, e como discurso, é também política.

A relação entre texto e contexto é evidenciada, em uma união de aspectos estéticos e políticos. É nítido que ambos os fatores são marcantes e unem-se para formar um trabalho de evidente valor literário e que também abarca questões sociais do tempo em que foi escrito, através de um acentuado teor crítico. Ao mesmo tempo em que se volta ao passado, também percebe-se que ele não é estático, mas é vivo e pode ser resgatado no presente, não devendo ser apreendido passivamente, e sim investigado ativamente, reatualizando e reinterpretando o discurso dominante e levando o leitor a pensar na tradição e também nas relações do tempo presente. Não há assim um reducionismo simplista, mas problematizações que indagam mais do que respondem, trazendo levantamentos significativos que contribuem para a construção de identidades e para a formação de leitores/cidadãos mais questionadores e conscientes, que possam olhar com menos julgamento e mais entendimento para o outro, semelhante apesar de diferente. A diversidade deve ser aceita e é cada vez mais imprescindível observar o que há do outro em si e o que de si é refletido no outro, percebendo que as diferenças não devem ser combatidas, mas acolhidas. É por isto que a questão identitária continua tendo importância nas discussões atuais, uma vez que encontram-se

¹⁷ Embora elas pareçam invocar uma origem em um passado histórico com o qual continuam a corresponder, na verdade as identidades são sobre questões de uso dos recursos da história, da linguagem e da cultura [...]

¹⁸ [...] a relação que os povos do mundo agora têm com seu próprio passado é, certamente, parte da descoberta de sua própria etnia. Eles precisam honrar as histórias escondidas de onde eles vêm.

em jogo hoje, talvez mais do que em qualquer tempo, questões geralmente conflituosas envolvendo a alteridade.

Por fim, é possível perceber, ao longo da obra em foco, que o amadurecimento da protagonista ao longo do tempo move-se em consonância com os acontecimentos e descobertas que desvela pelo caminho. Em sua jornada mítico-política, Gloria Damasco lida com conflitos externos e internos, e junto a uma iniciação a um mundo intangível, a uma outra forma de conhecimento, há ainda articulações entre inúmeros elementos antagônicos, ilustrados em dicotomias como: eu-outro, local-global, passado-presente, razão-emoção. Tais oposições são problematizadas e por fim colocadas como não excludentes, evidenciando que não é imprescindível optar por um ou outro, mas que opostos podem ser somados e articulados de modo que, mesmo não deixando de haver tensões, na impossibilidade de fusão em uma unidade estavelmente harmônica, possam alcançar um estado de equilíbrio dinâmico. Corpi, em seu discurso literário, possui uma força política que evidencia a relação que pode ser estabelecida entre a cultura popular e a crítica política, e assim uma voz de um grupo social minoritário abre um espaço que busca diálogos junto ao discurso estabelecido.

Referências

ALARCÓN, Norma. Chicana feminism: in the tracks of “the” native woman. **Cultural Studies**, v. 4 n. 3, p. 248-256, 1990. Disponível em:

<<http://dx.doi.org/10.1080/09502389000490201>> Acesso em: 10 abr. 2017

CASTRO, Rafaela G. **Chicano Folklore: A Guide to the Folktales, Traditions, Rituals and Religious Practices of Mexican-Americans**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CORPI, Lucha. **Eulogy for a Brown Angel**. Houston: Arte Público Press, 1992.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. O que é uma literatura menor? In: DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

HALL, Stuart. Ethnicity: Identity and Difference. **Radical America**, v. 23, n. 4, p. 9-20, 1991. Brown Digital Repository, Brown University Library. Disponível em:

<<https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:653700/>> Acesso em: 12 maio 2017

HALL, Stuart. Introduction: Who Needs ‘Identity’? In: HALL, Stuart & DU GAY, Paul (Orgs.). **Questions of Cultural Identity**. London: Sage Publications, 1996.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

WORTHINGTON, Heather. **Key Concepts in Crime Fiction**. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

Recebido em junho/2017.

Aceito em novembro/2017.